O centenario da independencia maranhense

1823—28 DE JULHO—1923

A coparticipação do Ceará no memoravel feito

O dia 28 de Julho relembra uma data festiva para todo o Brasileiro, mormente para os filhos de tres Estados Nortistas, que o amor á Liberdade conduziu ao campo da lucta, irmanados pelo culto do mesmo ideal.

O Maranhão celebra hoje com justa razão num concerto de alegrias o Centenario da sua Independencia; a data, que passa, pertence igualmente ao Piauhy; a data é nossa, muito nossa tambem, pois que o patriotismo Cearense foi *magna pars* para que ella se escrevesse na historia do Brasil, pois que sem o concurso enthusiastico e efficaz dos soldados Cearenses se protrahiria de muito o embate, cujo desfecho foi a integração de duas Provincias no seio de uma Patria joven e forte, ardente pela liberdade e sequiosa de progredir e desenvolver-se.

Parnahyba foi a primeira etapa da gloriosa

jornada. A 19 de Outubro de 1822 declarava-se liberta. Fel-a tomar a vanguarda no movimento, que ousava enfrentar o jugo extrangeiro e procurava assegurar-se uma patria livre, o ardor generoso, que animava os animos de João Candido de Deus e Silva, Simplicio Dias e mais companheiros da arrojada empreza.

Sabedor dos acontecimentos de que Parnahyba era theatro, Cunha Fidié, commandante das tropas Portuguêsas com séde em Oeiras, seguiu para ali a pôr um freio á agitação e a capturar os principaes implicados nella, mas não encontrou João Candido, que este e demais patriotas se haviam passado para o Ceará, já independente.

Ausente Fidié, insurge-se Oeiras, cujo pronunciamento se acclama victorioso a 24 de Janeiro de 1823. Regressa Fidié, entra em Piracuruca, tambem insurgida, marcha para Campo-Maior em cujas immediações, no logar Genipapo, destroça as forças de Alexandre Nery, Torres e Bernardo Antonio, as quaes sem disciplina nem tactica, sem armas nem munições, ainda assim se bateram por mais de tres horas. Foices e machados não poderiam resistir a boccas de fogo e a munições em larga cópia. Aos Portuguêses custou a victoria cerca de cem baixas e a perda de grande parte da sua bagagem de guerra.

Por alastrar-se em todo o Piauhy o incendio da revolta, Fidié deixou Campo Grande, acampou em Estranhado, hoje União, atravessou o Parnahyba e foi se fazer forte em Caxias, onde entrou a 17 de Abril.

O Ceará, já gozando de liberdade, apressou-se em assegural-a ás Provincias, suas visinhas, que lh'a pediam, e assentou então a Junta Provisoria que partisse para o Piauhy uma expedição sob o commando do governador das armas José Pereira Filgueiras, o capitão-mór dos Aracatys, e do 1.º vogal do governo Tristão Gonçalves, a mui

illustre victima sacrificada mais tarde em Santa Rosa.

Não podia ter melhores chefes o *exercito libertador e pacificador.*

Dos creditos de Filgueiras perante o Governo Imperial é um attestado a Carta de 16 de Abril de 1823 em que se lhe confia a missão de libertar a *escravizada Provincia do Maranhão.* A Carta foi encontral-o já empenhado nessa tarefa patriotica. Do valor de Tristão Gonçalves falam alto os acontecimentos de 17 e 24.

A Portaria da Junta do Governo, delegando aos dois chefes todos os poderes, civis e militares, traz a data de 29 de Março e no mesmo dia poz-se em marcha a expedição, marcando-se a villa do Crato para ponto de reunião das forças que fossem sendo organizadas nos varios pontos da Provincia. A 30 estava a expedição em Aquiraz, a 4 de Abril em Aracaty, a 20 em Icó, a 27 em Lavras, a 5 de Maio no Crato onde, como em Aracaty e Icó, em reunião das pessoas mais importantes a palavra ardente de Tristão Gonçalves conseguiu obter donativos para as despezas da campanha.

A 27 de Maio partiram os expedicionarios para Varzea da Vacca, ponto de concentração das forças, e formado o exercito libertador com cerca de 6000 homens tomou em começo de Junho caminho de Caxias.

Durante o decurso desse tempo foi preciso que Filgueiras e Tristão lançassem mão de medidas de rigor para intimidar e inutilizar conluios e facções, que intentavam enfraquecer e annullar a acção dos patriotas, mormente em Crato, Lavras e Jardim.

Chegado a Caxias, o exercito pôl-a em apertado cerco. Fidié não podia resistir. De accordo com elle, que deixara a chefia das forças, e com os Camaristas, o Commandante geral Luiz Ma-

noel de Mesquita propoz a cessação das hostilidades e a nomeação de emissarios para resolverem acerca da entrega da villa. Foi isso a 28 de Julho, dia em que a nau de Lord Cockrane aportava a S. Luiz. Nenhuma influencia, portanto, teve a chegada do celebre Almirante sobre a capitulação de Caxias.

Impostos artigos rigorosos para a rendição dentro do prazo de seis horas, aos quaes quiz fugir, de balde, o commandante Português, capitulou Caxias a 1 de Agosto entrando nella no mesmo dia as tropas sitiantes. Após ruidosas festas nos dias 2 e 3, teve logar a 6 a eleição de uma nova Camara e a 7 com grande solemnidade procedeu-se ao Juramento da Independencia e de Fidelidade ao Imperador D. Pedro I.

Escreveu Pereira da Silva na sua Historia da Fundação do Imperio que as localidados do Maranhão iam se libertando a medida que lhes iam chegando as noticias da rendição da Capital; não é isso verdade; quando Cockrane apresentou-se no porto de S. Luiz todo o Maranhão estava em poder dos independentes, excepto a Capital e Alcantara.

Despedidas as tropas, depois de pagos os soldos com as contribuições impostas aos habitantes de S. Luiz e Caxias, segundo o assentado na Convenção, serenados os animos e já de todo brasileiro aquelle trecho do paiz, volveram os dois heroes ao Ceará entre os hosannas e bençãos da Patria agradecida.

A um e outro daria o destino, em futuro bem proximo, largo quinhão de lances sangrentos e de opprobrios immerecidos com remate em S. Rosa e S. Romão.

Entre os prisioneiros, que a 5 de Novembro entraram em Oeiras, estava João José da Cunha Fidié, que foi recolhido ao Estado Maior do 1.º Batalhão de Linha e depois de tres mezes de de-

tenção seguiu por terra para a Bahia. Chegado a Bahia a 9 de Abril, foi recolhido ao Forte do Mar, donde foi retirado a 5 do mez seguinte para dar entrada na Fortaleza de Villegaignon no Rio de Janeiro.

Eis, em resumo, a marcha dos acontecimentos ha um seculo desenrolados e que agora estamos a celebrar; tal é a noticia ligeira dos sacrificios a que se submetteu o patriotismo dos nortistas brasileiros, fortes pela justiça da causa, que pleiteavam, e confiantes na victoria, que afinal lhes sagrou as armas.

A historia dos expedicionarios cearenses ao Piauhy e Maranhão é uma lição de civismo, ella ensina a zelar com carinho as tradições de amor á Patria legadas pelos nossos maiores, a guardar para os posteros os feitos daquelles que, incendidos nos mais nobres e alevantados sentimentos, se offereceram em holocausto pela terra do berço, fizeram a nossa nacionalidade, inscreveram em letras rutilas o nome do Brasil no ról dos paizes illuminados pelo sol da Liberdade.

Barão de Studart.